



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. III (2002)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Judeus de Cochim: Um Caminho em Aberto ... Sinopse de Estudos Editados e em Publicação

José Alberto Rodrigues Tavim 

Como Citar | How to Cite

Tavim, José Alberto Rodrigues. 2002. «Judeus de Cochim: Um Caminho em Aberto ... Sinopse de Estudos Editados e em Publicação». *Anais de História de Além-Mar* III: 307-332.
<https://doi.org/10.57759/aham2002.46888>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2002. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2002. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

JUDEUS DE COCHIM: UM CAMINHO EM ABERTO... SINOPSE DE ESTUDOS EDITADOS E EM PUBLICAÇÃO

por

JOSÉ ALBERTO RODRIGUES DA SILVA TAVIM *

«A luz conforta a alma» – escreveu o reverendo Abraham Assor, em 1969, no seu tratado sobre a Shavuot – «festa das semanas». De facto, o «tema» forte da luz é uma constante do pensamento judaico. O rabi Assor, no mesmo texto, não deixa de enveredar pela sábia associação entre a Luz da Criação (do texto do *Génese*) e a «mesma» Luz que é a Tora – «Instruir é fazer luz» – acentua ¹.

Ao longo da história judaica fala-se da «Luz do Messias» ², da «Luz da Cabala» ³, etc. – e o Zohar é «esplendor» ⁴ – no contexto genérico da indefinição de fronteiras entre a luz símbolo e a luz metáfora ⁵. Contudo, como bem acentuou Yosef Hayim Yerushalmi, a história formulada pelos diferentes autores judaicos, e pelo público igualmente judaico, que actuam e escrevem no âmbito do pensamento mítico, é considerada num fundamento essencialmente religioso e para-messiânico, sendo por isso os relatos da imanência confinados em função daquela intenção primordial ⁶.

As obras produzidas no «interior» da comunidade visada devem ser lidas no âmbito dos pressupostos acima enunciados. Servem essencialmente para

* Centro de Estudos Africanos e Asiáticos do Instituto de Investigação Científica Tropical.

¹ Abraham ASSOR, *Luz – Textos e Depoimentos*, organização de Miriam Assor, Lisboa, Âncora Editora, 2001, p. 55.

² Cf. Gershom SCHOLEM, *The Messianic Idea in Judaism and other Essays on Jewish Spirituality*, Nova Iorque, Schocken Books, 1971, pp. 10 e 39.

³ Cf. Yosef Hayim YERUSHALMI, *Zakhor. Histoire juive et mémoire juive*, traduzido do inglês por Eric Vigne, Paris, Gallimard, 1984, p. 89.

⁴ Vide Shmuel TRIGANO, *La demeure oubliée. Genèse religieuse du politique*, Paris, Gallimard, 1994, cap. 3.

⁵ Cf. Jean CHEVALIER e Alian GHEERBRANT, *Dicionário de Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, tradução de Cristina RODRIGUES e de Artur GUERRA, Lisboa, Terramar, 1994, p. 422.

⁶ Vide op. cit., p. 90.

«iluminar» os vindouros sobre o papel desempenhado pela «parcela» do Povo Judaico deslocada no sul da Índia, segundo os pressupostos sócio-religiosos fundamentais do pensamento judaico. Quem sobre essas obras se debruça, entra nos vastos círculos encantados da tradição – encantados em função dos grandes temas para-messiânicos genéricos do Judaísmo; encantados porque nelas se encontra depurada a imanência em função de uma positividade judaica em direcção à «Luz» – da virtude, do cumprimento, enfim, do conhecimento e da vivência do bem. Aliás, segundo a Cabala, a irradiação da luz (ha-Or), a partir do ponto primordial, gera extensão...

Por exemplo, em 1965, o antigo líder cochinita Samuel Shabtai («Sattu») Koder, não deixou de salientar, perante a Kerala History Association, na comunicação intitulada «Kerala and her Jews»:

«A tradição dos judeus de Cochim, por outro lado, mantém que logo após a destruição do segundo Templo na primeira centúria, dez mil judeus foram graciosamente recebidos pelo governante hindu de então, sendo-lhe permitido o estabelecimento em diferentes partes do país, embora a maior parte passasse a residir em Cranganor.»⁷

Sabendo nós que este folheto deve ser vendido a um preço módico, aos diferentes visitantes da sinagoga Paradesi (a única aberta ao público), tal revela o peso daquela mensagem inserida no «círculo encantado da tradição». Mensagem oficial – luz oficial – que liga a comunidade a um feixe primeiro da diáspora judaica.

Que esta luz não seja esquecida! A palavra surge mesmo em dois estudos sobre os judeus cochinitas. Um deles – o mais antigo – é da autoria de um membro da própria comunidade, A. B. (Abraham Barak) Salem. Trata-se de um dos líderes cochinitas mais carismáticos, em várias dimensões. Pertencia ao grupo «oprimido» dos «meshushrarim» («libertos» adstritos aos judeus brancos ou «paradesis») que liderou, mesmo na sinagoga, uma luta pela igualdade de direitos, sendo um dos primeiros judeus desse grupo a tirar um curso superior – de advocacia. Foi nessa condição que se tornou defensor de outros oprimidos, como as mulheres, e um político bastante activo – seria membro do Partido do Congresso, e um fervoroso sionista, visitando duas vezes Israel nessa qualidade⁸. O seu livrinho de bolso – quase uma pequena «bíblia» da História dos Judeus de Cochim – foi publicado em 1929, ou seja, o ano em que o Congresso de Lahore declarou a independência total da Índia por insistência de Gandhi – e designado, significativamente, como *Eternal Ligth or Jew Town Synagogue*⁹. Não obstante o passado de Salem, como

⁷ Pp. 2-3 e tradução do inglês da minha autoria.

⁸ Sobre este personagem, vejam-se essencialmente as sínteses de J. B. SEGAL, *A History of the Jews of Cochim*, Londres-Portland, Vallentine Mitchell & Co. Ltd, 1993, pp. 93-94; e de Nathan KATZ e Ellen S. GOLDBERG, *The Last Jews of Cochim. Jewish Identity in Hindu India*, Columbia, University of South Carolina Press, 1993.

⁹ Publicado em Ernakulam, pela S. D. Printing Works Ltd.

homem de protesto, trata-se de uma pequena obra com uma grande dimensão teleológica. Nela assume-se uma premissa fundamental para os judeus cochinitas do seu tempo: lembrar – ou seja, remeter das trevas para a luz – a vida daqueles que sobreviveram a todos os demónios da intolerância – inclusive os portugueses – construindo um património e cumprindo os preceitos fundamentais no âmbito do «sentido de estar» judaico. É por isso mesmo que o seu livrinho tem uma actualidade nada desprezível para os judeus de Cochim. Não será por acaso que o jornalista Elia Ben Eliahu (Eliavoo) o reeditará em Haifa, no ano de 1972 ¹⁰, pois é em Israel que vive a maior parte dos judeus de Cochim, e é para eles que deve ser condensada a instrução sobre o seu passado, ou seja, uma iluminação que é fundamental para o seu orgulho identitário.

Outra obra faz recurso à palavra «Luz» para a sua designação: é o livro da jovem belga Suzon Fuks, significativamente intitulado *Keeping the Light. A Diary of South India*, datado de 1987, e onde publicou, de forma comentada, as suas belíssimas fotografias a preto e branco. A luz é de facto uma constante neste seu trabalho – a luz do céu prestes a romper o negrume da monção; a luz do dia e do candelabro na mansão de Gladys Koder; a luz que ainda inunda a sinagoga abandonada de Mala; a luz trazida da sinagoga para os lares no Sábado e nos Dias Santos; a luz que se projecta na parede da sinagoga Paradesi, vista através das grades onde estão desenhados o candelabro de sete braços e a Estrela de David; a luz do dia, a luz da noite... a luz simbólica, sempre presente e integrada (melhor, metamorfoseada) no texto introdutório do actual «Warden of the Cochin Synagogue and Leader of the Jews of Cochin», senhor Samuel H. Hallegua. Em quatro páginas breves mas bastante informativas, o passado dos judeus da Índia surge como uma marcha gloriosa de homens e seus feitos valorosos, apenas atingidos pelo estigma dos «intolerantes» portugueses. Até as marcas contidas na documentação portuguesa, que confirmam a existência de certa sinagoga, são incorporadas no edifício dinamicamente positivo da história pretendida para a comunidade. Por isso, em jeito de remate, Samuel H. Hallegua não deixaria de apontar o dedo àqueles que, ao escreverem livros e artigos, cometeram erros e embustes. Resta questionar: erros e embustes em função dessa pretendida positividade? É que Samuel H. Hallegua finaliza desta forma o seu texto, referindo-se a Suzon Fuks:

«O seu trabalho é importante, porque a comunidade é pequena e o seu futuro negro. Se, como parece, a comunidade está quase a extinguir-se, «Keeping the Light» iluminará para as futuras gerações a vida e os tempos dos judeus de Cochim sobreviventes.» ¹¹

¹⁰ Publicado por OTH Cooperative Printing Press.

¹¹ Cf. Samuel H. HALLEGUA, «Introduction», in *Keeping the Light. A Diary of South India*, Washington D.C., Nova Iorque, Londres, B`nai B`rith Klutznick National Jewish Museum, The Memorial Foundation for Jewish Cultures, Commonwealth Jewish Council (não paginado). Tradução do inglês da minha autoria.

Ou seja, de novo se entra no universo teleológico da compreensão da História no Judaísmo: assim como a imanência transmitida na Bíblia deve ser considerada transcendentemente em relação ao presente, também todo um passado cochinita deve ser tomado como referência moral e social numa vivência hodierna e futura dos judeus cochinitas.

Não se trata de uma observação criteriosamente negativa acerca da produção do senhor Samuel H. Hallegua e dos seus antecessores. Como líderes da comunidade (menos ou efectivamente considerados), estes «produtores» do saber acabaram por tecer um discurso condizente com a sua pretensão e efectividade de funções. Não se trata de uma questão de analisar a idoneidade do seu discurso, mas de considerá-lo em termos de contextualização da produção. Até porque estas formulações são necessárias para compreendermos o maior «monumento» figurativo do discurso da tolerância e também da «iluminação» sobre o passado judaico cochinita que foram as celebrações do quarto centenário da fundação da sinagoga de Cochim – a Paradesi – conduzidas sob os auspícios da Kerala History Association e do The Cochin Synagogue Quartercentenary Celebrations Committee, e inauguradas por Indira Gandhi. Os acontecimentos – políticos e científicos – foram depois perpetuados numa publicação – um «Commemoration Volume Cochin Synagogue Quartercentenary Celebrations», de 1971. Verdadeiramente controladas por membros do grupo «paradesi» – S. S. Koder e seus familiares –, quer do ponto de vista da realização do evento quer ao nível discursivo, estas comemorações tiveram como temas de base a «Hospitalidade e a Tolerância», considerados indícios constantes do contexto vivencial dos judeus cochinitas. Aliás, foi este o título do discurso inaugural do líder S. S. Koder – «Hospitality and Tolerance»¹². Assim, com este intuito primordial, os tempos envolvem-se e misturam-se, sendo carreado para o presente um passado interpretado em função daquele. Ou seja, ao salientar-se neste volume, através das várias contribuições – de cristãos, muçulmanos, hindus e judeus – que as minorias e a maioria hindu viveram na região meridional do Decão um passado basicamente marcado pela tolerância, os organizadores das comemorações estão a transmitir a mensagem de que o passado, ali, da minoria judaica, foi de tal forma positivo que se adequava à ideologia moderna da tolerância, fundamental na construção da Índia moderna e independente. Foi por isso que Indira Gandhi não deixou de responder a S. S. Koder, num discurso subsequente designado, de forma significativa, a «Great Heritage»:

«Esta não é a minha primeira visita à antiga Sinagoga. Cada visita é uma lembrança da antiga história do nosso país a que os judeus da Índia e,

¹² In *Commemoration Volume Cochin Synagogue Quartercentenary Celebrations*, ed. de P. S. VELAYAUDHAN, S. S. KODER *et al.*, Cochim, The Kerala History Association e The Cochin Synagogue Quartercentenary Celebrations Committee, 1971, pp. 1-3.

certamente os judeus de Cochim, estão associados e também da tolerância religiosa e cultural, que é a nossa grande herança.»¹³

Estas perspectivas são essenciais para compreendermos a intervenção «científica» do convidado especial, Dr. Walter Joseph Fischel, designada «The Contribution of the Cochin Jews to South Indian and Jewish Civilisation» e que, devido à sua amplitude e adequação científica face às outras comunicações¹⁴, desempenhou o papel de verdadeiro pilar científico pretendido para este volume. Como referi, o seu artigo é mais do que isso – trata-se de um livro, de uma súpula que tenta revelar as potencialidades destes judeus do Oriente no contexto da civilização judaica e da indiana do sul – como está bem vincado no título. Nele revela-se que a sua imensa e heterogénea investigação (quase obsessão) documental teve como objectivo a resposta a duas questões fundamentais: como pôde uma comunidade tão remota e separada dos grandes centros da Diáspora desenvolver-se, prosperar e sobreviver durante tantos séculos? E quais foram as suas contribuições na área da economia, diplomacia e cultura locais, e o que criou no domínio da erudição e da Literatura¹⁵? O que interessava nitidamente – e no contexto das pretensões das comemorações – era elucidar sobre a «marcha positiva» dos judeus de Cochim no seu duplo e relacionado contexto cultural judaico e indiano. Pelo contrário, os atritos e os problemas internos da comunidade não foram enfatizados por Fischel, nem neste nem em outros estudos da sua autoria.

Mas para compreendermos o sentido da produção deste prolixo autor – ainda hoje uma referência em termos de quantidade e qualidade da obra produzida –, é necessário tecermos algumas considerações sobre a personagem e acerca da sua obra. Walter Joseph Fischel nasceu em 1902, em Frankfurt-Am-Main, e o seu interesse pelos judeus do Oriente deve-se ao facto de, como membro da Faculdade de Estudos Orientais da Universidade Hebraica de Jerusalém, ter participado em várias expedições no Médio e Próximo Oriente. Em 1945 seria nomeado professor de Línguas e Literaturas Semíticas na Universidade da Califórnia, em Berkeley, e depois de se aposentar continuaria a sua actividade como professor de Estudos e História Judaica no «Campus de Santa Cruz» daquela universidade. Foram estes anos de estabilidade na Califórnia que lhe permitiram reunir documentação e escrever um conjunto de artigos bastante significativos e inéditos para a época, não só sobre os judeus do Kerala, mas também da Pérsia, do Egipto,

¹³ *Idem*, p. 5 (tradução do inglês da minha autoria).

¹⁴ Exceptua-se o caso do artigo de Johanna SPECTOR – «The Music of the Jews of Cochin with special reference to Shingly Tunes» – viável do ponto de vista científico, mas cuja restrição temática e em número de páginas não lhe permite a pujança de «pilar científico», assumido de facto pelo texto de Fischel – *vide idem*, pp. 177-185.

¹⁵ *Idem*, p. 16.

do Golfo Pérsico, do Império Mogol, e ainda a importante obra de síntese *Jews in the Economic and Political Life of Medieval Islam*, de 1969 ¹⁶.

Embora Fischel tenha iniciado o seu interesse específico pela Índia num artigo de 1956, designado «Abraham Navarro – Jewish Interpreter and Diplomat in the Service of the English India Company (1682-1692)» ¹⁷, desde 1949 que o seu conhecimento do opúsculo de Mosseh Pereyra de Paiva, intitulado *Notisias dos Judeos de Cochim* (1687), através da edição lisboeta de Moses Bensabat Amzalak, datada de 1923 ¹⁸ – o devia ter aliciado a conhecer melhor o caso dos judeus do Kerala. Em 1956 publicaria o artigo «Leading Jews in the Service of Portuguese India», contendo duas biografias – uma de Coge Abraham, de Goa (século XVI), e outra de Moses Tobias, de Surate (século XVIII) ¹⁹. Mas é por volta de 1957 que tem acesso a uma obra fundamental para o conhecimento dos judeus da Índia: o livro do rabi David d'Beth Hillel, designado *The Travels from Jerusalem, Through Arabia, Koordisthan, Part of Persia, and India, to Madras (1824-1832)* (original editado em Madrastra, em 1832). Não obstante ter redigido um artigo de síntese sobre o autor e a obra logo em 1957, na revista *Oriens*, de Leiden, designado «David D'Beth Hillel: An Unknow Jewish Traveller in the Middle East and India in the Nineteenth Century» ²⁰, foi só em 1973 que fez da edição do texto do rabi uma das últimas obras da sua vida: «Unknow Jews in Unknown Lands. The Travels of Rabbi David d'Beth Hillel (1824-1832)» ²¹.

Devido à sua erudição, Walter Joseph Fischel apercebeu-se de que era necessário apurar e explanar todo um vasto conjunto de informações para entender a realidade narrada por David d'Beth Hillel, em termos diacrónicos. E foi assim que se propôs divulgar um significativo conjunto de dados sobre os judeus da Índia, nomeadamente de Cochim, através da análise comparativa de vária documentação, inclusivamente portuguesa. Assim, em 1960 escreveria o artigo «Cochin and some prominent Jewish personalities», centrado na carreira de uma personalidade do século XVIII – Isaac Sargun ²². Ainda nesta linha de produção de biografias, debruçou-se exaustivamente sobre a carreira do líder cochinita oitocentista Ezekiel Rahabi, no artigo «Cochin in Jewish History. Prolegomena to a History of the Jews in India»,

¹⁶ Cf. o artigo «Fischel, Walter Joseph», in *The Encyclopaedia Judaica*, ed. por Cecil ROTH e Geoffrey WIGODER, Jerusalém, Keter Publishing, vol. 6, 1971, p. 1317.

¹⁷ Pub. in *The American Academy for Jewish Research*, Nova Iorque, Bloch Publishing Company, pp. 39-62.

¹⁸ Cf. o seu artigo «Jews and Judaism at the Court of the Moghul Emperors in Medieval India», in *Proceedings of the American Academy for Jewish Research*, vol. XVIII, 1949, p. 152, nota 34.

¹⁹ Pub. in *Jewish Quarterly Review*, vol. XLVII, 1956-1957, pp. 37-57.

²⁰ Vol. X, n.º 2, pp. 240-247.

²¹ Pub. em Nova Iorque, pela Ktav Publishing House, 1973.

²² Pub. in *The Joshua Bloch Memorial Volume. Studies in Bocklore and History*, ed. por Abraham BERGER et al., Nova Iorque, Public Library, 1960, pp. 151-164.

de 1962²³. E depois, em 1965, sobre a carreira de outro judeu cochinita que também viveu no século XVIII, designado Samuel Abraham, no artigo «From Cochin (India) to New York: Samuel Abraham, the Jewish Merchant of the 18th Century»²⁴. Trata-se de uma escolha temática lógica, dada a proximidade cronológica dos biografados com a realidade perspectivada pelo rabi David d`Beth Hillel. Dois anos mais tarde avançaria para uma visão de conjunto, proporcionada pelos dados que entretanto havia apurado. O resultado foi o impressionante «The Exploration of the Jewish Antiquities of Cochin on the Malabar Coast», em que se debruça sobre a evolução social e cultural da comunidade, e nomeadamente sobre as fontes publicadas acerca desta, inclusivamente de produção interna²⁵. Este trabalho inicial transformou-se depois na súplica já referida e incluída no volume comemorativo dos quatrocentos anos da sinagoga Paradesi, de 1971²⁶. Em 1970-1971 escreveria ainda «The Literary Creativity of the Jews of Cochin»²⁷. Mas só dois artigos que versam a «matéria indiana» foram publicados após a edição da obra do rabi David d`Beth Hillel. São eles: «Garcia de Orta – a militant marrano in Portuguese India in the 16th Century», de 1974²⁸, e «The Present State of the Research on the History of the Jews in India from the 16th Century On», de 1981²⁹. O primeiro deve ser visto como uma incursão numa comunidade próxima de judaizantes. O segundo foi o seu derradeiro artigo, pois faleceria pouco antes da realização do congresso em sua homenagem, em que aquele seria lido. Trata-se de uma síntese dos seus próprios conhecimentos históricos, sociais, linguísticos e culturais sobre a diáspora dos judeus no Oriente, e suas «fontes». Mas de facto, algo une estes dois artigos, e que é um dos objectivos mais significativos da obra deste erudito: mostrar os cambiantes e a profundidade da vivência judaica no Oriente, ou seja, a sua «positividade judaica». Não será por acaso que quase remata o último artigo, referindo-se especificamente aos judeus de Cochim: «De forma prudente, eles empenharam a tocha da tradição judaica, não obstante o seu afastamento e isolamento.»³⁰

Um dos indícios mais interessantes dos seus pressupostos como autor é o artigo «Cochin», escrito para a *Encyclopaedia Judaica*, em 1971, em que

²³ Pub. in *Proceedings of the American Academy for Jewish Research*, vol. xxx, pp. 37-59.

²⁴ Pub. in *Harry Austryn Wolfson Jubilee Volume*, vol. 1 – *English Section*, Jerusalém, American Academy for Jewish Research, pp. 255-274.

²⁵ Pub. in *Journal of the American Oriental Society*, vol. 87, pp. 230-248.

²⁶ O artigo desenvolve-se entre as pp. 15 e 63 do referido volume.

²⁷ Pub. in *Jewish Book Annual*, n.º 28, pp. 25-31.

²⁸ Pub. in *Salo Wittmayer Baron Jubilee Volume* – vol. II – «English Section», Nova Iorque-Londres, American Academy for Jewish Research, Columbia University Press, pp. 407-432.

²⁹ Pub. in *Jewish Tradition in the Diaspora: Studies in Memory of Walter J. Fischel*, ed. por Michael Maswari CASPI, Berkeley, C. A. Judah L. Magnes Museum, pp. 23-33.

³⁰ Cf. «The Present State of the Research», in *Jewish Tradition in the Diaspora*, 1981, p. 33 (tradução do inglês da minha autoria).

Fischel condensava aquilo que era a «visão científica» sobre a comunidade judaica que ali habitava. Uma «arqueologia» da construção do texto permite-nos verificar que houve ali uma síntese de dois níveis discursivos: a aceitação «tácita» do nível de informação transmitido oficialmente pelos judeus «paradesis» de Cochim, a que o autor acrescentou algumas «novidades» provenientes da sua investigação literária e arquivística. Trata-se não de uma visão crítica do discurso oficial dos judeus de Cochim, mas de um intuito de complemento, verificando-se o acréscimo de informações sobre o «vazio» do período português, com as referências ao episódio da venda de bíblias, em Cochim, pela esposa de Gaspar da Gama, e que ali viviam cristãos-novos e judeus, oriundos da Diáspora ³¹.

O interesse em evidenciar atritos na comunidade coube a outro professor de Línguas Semíticas, mas desta vez da Universidade de Londres – J. B. Segal. E esta sua perspectiva foi o passo decisivo que abalou a noção de linearidade positiva da história dos judeus de Cochim. Tal como aconteceu com Fischel, foram as suas viagens pelo Médio Oriente que lhe despertaram o interesse pelos judeus cochinitas. Menos prolixo do que Fischel, Segal vai no entanto enriquecendo o seu reportório informativo de modo a comprovar os seus pressupostos acerca da diferenciação social adentro da comunidade judaica. Pela primeira vez também, J. B. Segal tenta, de forma lídima, enquadrar a história dos judeus do Kerala no contexto da sociedade em que viviam, no seu artigo «The Jews of Cochin and Their Neighbours», de 1967 ³². Neste artigo aborda também o problema da divisão social entre «brancos» e «pretos», bem evidente no texto de Paiva, que conhece muito bem. Contudo, este tornou-se o tema fundamental de outro seu artigo, publicado em 1983, e que se intitula precisamente «White and Black Jews at Cochin, The Story of a Controversy» ³³. Aqui o objectivo é elucidar sobre as fontes que retratam as divisões sociais entre os judeus do Kerala, e as admoestações rabínicas, assim como uma tentativa de explicitar o contexto da divisão entre «brancos» e «pretos», patente no livro de Paiva. Na verdade, o que une os seus estudos é o rigor do *gentleman* britânico contra as discriminações sociais – especialmente no seio do seu Povo. Seria devido a esta atitude crítica que não foi convidado a proferir uma palestra durante as comemorações dos quatrocentos anos da fundação da sinagoga Paredesi, em 1968, embora aí estivesse presente como representante da Universidade de Londres ³⁴? Em 1993 publicou, enfim, a obra designada *A History of the Jews of Cochin* ³⁵. Trata-se de uma síntese problematizada das suas investigações e das pesquisas de

³¹ Pub. in vol. v, pp. 622-623.

³² Pub. in *Essays presented to Chief Rabbi Israel Brodie on the occasion of his seventieth Birthday*, ed. por H. J. ZIMMELS, J. RABBINOWITZ e I. FINESTEIN, Londres, The Soncino Press Limited, pp. 381-397.

³³ Pub. in *Journal of the Royal Asiatic Society of Great Britain & Ireland*, n.º 2, pp. 228-252.

³⁴ Indicado na contracapa da sua obra já citada.

³⁵ Vide referência completa *supra*, nota 8.

outros autores, cruzando dados provenientes dos «campos» histórico, sociológico, antropológico e linguístico. Aliás, verifica-se nesta obra que Segal está a par dos mais recentes trabalhos sobre o assunto, como os de P. M. Jussay e de Barbara Cottle Johnson, e que o seu objectivo não é realçar aspectos positivos ou negativos da história dos judeus de Cochim, mas estabelecer um retrato lúcido e equilibrado – porque inserido no devido contexto – da complexa vivência dos judeus de Cochim.

A par dos eruditos surgiram os investigadores no terreno. Ainda em 1930, o orientalista francês Sylvan Lévi (1863-1935), professor de sânscrito no Collège de France e director do Institut des Études Indiennes na Sorbonne ³⁶, escreveria o artigo «Quelques documents nouveaux sur les juifs du Sud de l'Inde», em que dá notícia quer da tradução das Tábuas de Cobre outorgadas a Joseph Rabban, quer da inscrição tumular de Chenamman-galam, datada de 1269 da Era Cristã ³⁷. Contudo, embora o autor se interesse pelos vestígios apurados *in loco*, revela ainda a visão do homem de gabinete, que não interroga no terreno.

Devem-se na realidade ao norte-americano David Goodman Mandelbaum, nascido em Chicago em 1911, os primeiros passos no tema, na área da Antropologia Aplicada. É o resultado das próprias perspectivas do autor e das funções que exerceu, pois Mandelbaum foi professor em Berkeley, na Universidade da Califórnia, e director dos recursos educacionais para os projectos antropológicos (1959-1961), sendo as suas maiores áreas de interesse a Etnologia do sudeste asiático e do sul da Índia, a Antropologia Teórica e a Antropologia Aplicada. A sua obra maior sobre a sociedade indiana intitula-se *Society in India*, e está dividida em dois volumes, designados *Continuity and Change* e *Change and Continuity*, datados de 1970 ³⁸. Neles tenta revelar os padrões regulares que estão subjacentes às relações sociais na Índia, assim como as grandes variações verificadas ao nível regional. E é precisamente no volume II, consagrado ao estudo da mudança social, que existe uma referência aos judeus inserida no capítulo VII, designado «Mudança Recorrente através dos movimentos religiosos e tribais». E é aqui que Mandelbaum leva ao extremo a aplicação de terminologia de definição da sociedade indiana para caracterizar os grupos judaicos, salientando desta forma que eles se comportavam como organizações sociais «internas». Independentemente de certa ousadia na aplicação dessa terminologia, pois não tem em conta que dois dos «jatis» ali mencionados – o dos Bene Israel ou judeus do Concão – viviam numa região muito distante e de poucas relações com as outras comunidades de judeus do Kerala, as suas considerações resultam de observações empreendidas *in loco*, desde os anos 30 do

³⁶ Cf. artigo «Lévi, Sylvain», de Lucien LAZARE, in *Encyclopaedia Judaica*, vol. 11, 1971, pp. 87-88.

³⁷ T. LXXXIX, n.ºs 177-178, pp. 26-32.

³⁸ Berkeley-Los Angeles, University of California Press, 1970.

século xx, e da constatação de que era necessário enquadrar em termos de contexto local, a análise das relações sociais entre os diferentes grupos judaicos.

O seu artigo «The Jewish Way of Life in Cochin», de 1939, é o primeiro resultado da análise, no local, da antiga estratificação social existente entre os judeus de Cochim, das relações que entre si mantinham e das suas actividades económicas. Mandelbaum faz ainda referência à luta mantida pelos «meshushrarim» («libertos») para obtenção da igualdade de direitos³⁹. Contudo, o autor nunca conseguiu solucionar o problema da aplicação dos conceitos usuais para caracterizar a sociedade indiana, nos seus estudos sobre os judeus do Malabar. Num artigo editado por Harjinder Singh, em 1977, e designado «Caste and community among the Jews of Cochin in India and Israel», Mandelbaum especificaria que os judeus de Cochim se dividiam em diferentes grupos, os quais eram semelhantes aos grupos das castas – «like caste groups». Aliás, na sequência do seu artigo, chegou a designar o grupo dos «meshushrarim» como uma «terceira casta», e a considerar que, pelo menos desde a grande afluência de judeus no dealbar do século xvi, os hebreus cochinitas acomodaram-se ao sistema indiano das castas, com as suas regras rígidas contra o casamento e outros laços sociais, entre os diferentes «jatis». Portanto, Mandelbaum utilizou indiscriminadamente as palavras casta e «jati», para caracterizar a sociedade judaica de Cochim⁴⁰.

Para Mandelbaum, os «topus» que implicam a inclusão dos judeus de Cochim no sistema de castas são a endogamia dos seus diversos grupos, e os preconceitos respeitantes à relação entre pigmentação da pele e pureza da origem. Contudo, embora destaque a insistência dos judeus «malabares» em salientar a ancestralidade e a pureza das suas raízes no Kerala, ao pronunciar-se sobretudo acerca dos não-«paradesis» que viviam em Cochim, e ao dar relevo à inferioridade social e de direitos do terceiro «jati» – o dos «meshushrarim» («libertos») dos judeus «paradesis» – continuava a vincar a ideia que o sistema de castas como sistema hierárquico perpassava as comunidades judaicas e, mais importante ainda, deslocava para os judeus «malabares», por omissão, a imagem de inferioridade que derivava da sua análise sobre o quotidiano dos «libertos»⁴¹.

Na verdade, sob a hermenêutica do sociólogo que começou o seu «trabalho de campo» nos anos 30 do nosso século, e não obstante a pretensão de análise das comunidades judaicas da Índia no contexto social local, aflora uma visão do mundo cujas raízes detectamos na obra de Mosseh Pereyra de

³⁹ In *Jewish Social Studies*, vol. 1, n.º 4, pp. 422-460.

⁴⁰ In *Caste Among Non-Hindus in India*, Nova Deli, National Publishing House, pp. 107-139.

⁴¹ Vide o artigo pioneiro já referido, «The Jewish Way of Life in Cochin», in *Jewish Social Studies*, vol. 1, n.º 4, 1939, pp. 433-460; e *idem*, «Social Stratification among the Jews of Cochin in India and Israel», in *Jews in India*, ed. por Thomas A. TIMBERG, Nova Deli, Vikas Publishing House, 1986, pp. 61-120.

Paiva, com os cambiantes que o tempo, as alterações da identidade social, e os objectivos dos autores, acabaram por promover. A abordagem no terreno e a aplicação de conceitos continuaram a cingir-se à mensagem possível: aquela transmitida pelos judeus «brancos», ainda mais influentes e que falavam inglês com fluidez. Aliás, foi Barbara Cottle Johnson que induziu a esta perspectiva, ao salientar em nota, no seu artigo «The Emperor's Welcome: Reconsideration of an Origin Theme in Cochin Jewish Folklore»:

«Para uma discussão sobre as divisões semelhantes a castas na comunidade [dos judeus de Cochim], a fonte mais compreensiva e documentada é [a obra de] David Mandelbaum, mas um tanto orientada para uma perspectiva *paradesi*.»⁴²

É evidente que a dimensão destas «falhas» no trabalho de terreno, dificultou a sua análise conceptual das separações e relações entre os grupos de judeus cochinitas, facto bem palpável, como vimos, na utilização indiscriminada e imprecisa dos termos «casta» e «jati», e na associação artificial de comunidades distantes no terreno.

Schifra Strizower, especialista dos Bene Israel («Shanuar Teli», «Lagareiros do Sábado» ou judeus do Concão), embora os considere uma casta – porque é assim que eles se referem a si próprios – dividida em duas «unidades» endogâmicas – os «Gora» ou Bene Israel «brancos», e os «Kala» ou Bene Israel «pretos»⁴³ – considera que os judeus cochinitas se dividiam apenas em vários grupos endogâmicos⁴⁴. Contudo, Strizower não foi uma investigadora «de terreno» no que respeita aos judeus do Kerala. Temos que esperar por estudos mais recentes – mas «no terreno» – para aplainar as vertentes de uma perspectiva que chega até Moisch Pereyra de Paiva. E tal porque os autores desses estudos «mais recentes» tentaram abarcar o maior número de dados possível, recorrendo a níveis de informação até aí não contemplados, porque detidos por grupos não privilegiados social e culturalmente. Estamos a falar do recurso aos textos e à memória oral dos judeus «malabares», e às obras daqueles que foram seus apologistas.

Uma das críticas mais lúcidas sobre a conceptualização de Mandelbaum e de Strizower pertence a Barbara Cottle Johnson, professora de Antropologia no Ithaca College, Estado de Nova Iorque. Na sua tese de doutora-

⁴² A autora está a referir-se ao estudo de David MANDELBAUM intitulado «Social Stratification among the Jews of Cochin, in India and Israel», in *Jewish Journal of Sociology*, vol. 27, n.º 2, 1975, pp. 165-210, reproduzido in *Jews in India*, ed. por Thomas A. TIMBERG, 1986, pp. 61-120. Citação do artigo de Barbara Cottle JOHNSON, *idem*, p. 173, nota 1 (tradução do inglês da minha autoria).

⁴³ Cf. «Jews as an Indian Caste», in *Jewish Journal of Sociology*, vol. 1, 1959, sobretudo pp. 43-45.

⁴⁴ Cf. «Jews as an Indian Caste», in *Jewish Journal of Sociology*, vol. 1, 1959, p. 43; e «The Bene Israel and the Jewish People», in *Salo Wittmayer Baron Jubilee Volume*, vol. II – «English Section» – 1974, p. 860.

mento designada «Our Community in Two Worlds: The Cochin Paradesi Jews in India and Israel», chamou a atenção que, quer Mandelbaum quer Strizower, utilizaram o termo casta indistintamente, no sentido de grupo e de divisão interna entre os diferentes grupos de judeus; e é da opinião que a palavra deve ser utilizada, quanto muito, apenas no primeiro sentido. Isto porque parte da premissa que os judeus de Cochim não usam essa palavra em termos de auto-definição, mas apenas para designarem os outros grupos sociais. Por outro lado, na medida em que eles falam de si como comunidade («a nossa comunidade»), Barbara Cottle Johnson opina que se deve precisar o estudo dos judeus de Cochim mais em termos de «comunidade» do que de «casta». É assim que escreve a autora:

«Tendo decidido focar este estudo em termos de comunidade, não tenho necessidade de usar outra terminologia antropológica na minha análise. Alguns destes termos não fazem parte da auto-definição dos judeus de Cochim, e parecem ser muito estranhos para eles.»⁴⁵

Na realidade, a sua análise do caso dos judeus «paradesis» como estudo de «comunidade» foi precisado em Israel em termos de «NamoDe Kamboolam», ou seja, «a nossa comunidade» em judeo-malaiala coloquial⁴⁶.

Desde 1975 que Barbara Johnson marcaria de forma inovadora os estudos dos judeus de Cochim com a sua tese de mestrado incidindo propositadamente sobre o universo cultural dos judeus «paradesis», intitulada *Shingly or Jewish Cranganor in the Tradition of the Cochin Jews of India, with an appendix on the Cochin Jewish Chronicles*, submetida no «Department of Religion» do Smith College. Trata-se de uma recolha sistemática de textos de produção interna ou que a veiculam, e de informação obtida sobretudo através de cancionários, que resultam no estudo das tradições das origens dos judeus «brancos» ou «paradesis». O rigor e quase exaustão na procura e no relacionamento dos dados, assim como a diversidade de abordagens, fazem desta tese – infelizmente não publicada – uma obra-prima, quer pela diversidade do material apresentado, quer pelas perspectivas de uma análise comparativa que chega, de facto, a grupos sociais circundantes. Foi o grande início de uma carreira que, embora não muito prolixa em termos de obras publicadas, apresenta objectivos e resultados surpreendentes, sempre baseados num elevado rigor de análise.

Após a defesa da tese de mestrado, Barbara Johnson mudou-se de «armas e bagagens» para Israel, com o objectivo de continuar a análise dos mecanismos de preservação da tradição entre os judeus cochinitas, num

⁴⁵ Dissertação apresentada na Graduate School of the University of Massachusetts, para obtenção do grau de doctor of Philosophy, 1985, p. 19 (tradução do inglês da minha autoria).

⁴⁶ Cf. «For Any Good Occasion We Call Them»: Community Parties and Cultural Continuity among the Cochin Paradesi Jews of Israel», in *Studies of Indian Jewish Identity*, ed. por Nathan KATZ, Nova Deli, Manohar, 1995, pp. 53-82.

contexto bastante diferente. Já vimos que em 1985 defendeu na sua tese de doutoramento que os judeus de Cochim deviam ser considerados em termos de «comunidade» e não de «casta». Foi esta perspectiva que lhe permitiu a redacção de três peças fulgurantes (uma em parceria), sobre os mecanismos de preservação da tradição e da identidade entre os judeus «paradesis». São eles os artigos «The Emperor's Welcome: Reconsideration of an Origin Theme in Cochin Jewish Folklore», de 1986 ⁴⁷, em que a autora evidencia como uma forma de integração destes judeus na sociedade malabar foi a adopção de práticas e símbolos das castas superiores vizinhas ⁴⁸; o artigo «For Any Good Occasion We Call Them»: Community Parties and Cultural Continuity among the Cochin Paradesi Jews of Israel», de 1995 ⁴⁹, em que, baseada numa actualíssima bibliografia de suporte e numa arguta atitude de observação das festividades celebradas pelos judeus «paradesis» em Israel, analisa os mecanismos de preservação da sua identidade cultural neste país, e de ligação ao antigo mundo de Cochim; e enfim, também em 1995, eis a publicação, juntamente com a anciã Ruby Daniel, de *Ruby of Cochin. An Indian Jewish Woman Remembers* ⁵⁰ – uma obra-prima de divulgação das memórias daquela judia sobre o passado cochinita, acompanhada por um aparato crítico e bibliográfico surpreendentes, assim como de extractos de um cancioneiro de valor informativo relevante. É nesta obra que Barbara Johnson assume, na prática, as perspectivas teóricas enunciadas na sua tese de doutoramento, integrando-se na comunidade, dando voz a uma mulher sábia, comentando e «arranjando» o texto sem interferir na sua mensagem nem nos seus conceitos sobre a sociedade judaica. A elucidação é conseguida pela exposição da mensagem da «testemunha».

Um dos aliciantes desta obra colectiva é a publicação de canções, traduzidas do malaiala, acompanhadas de uma elucidação contextualizante. De facto, a exploração do cancioneiro dos judeus, em malaiala, permitiu que vários autores obtivessem um conjunto de informações fundamentais, quer sobre o percurso histórico dos judeus «malabares», quer sobre a construção da identidade dos judeus «paradesis».

Na verdade, embora já em 1947 o judeu «paradesi» A. I. Simon tivesse redigido o seu opúsculo *The Songs of the Jews of Cochin and Their Historical Significance*, onde publicaria, em malaiala, algumas dessas canções, sem as traduzir directamente (apresentando apenas pequenos resumos do seu conteúdo) ⁵¹, foi apenas em tempos mais recentes que a equipa constituída por Barbara Johnson, Shirley Berry Isenberg e P. M. Jussay enveredou por um trabalho mais sistemático de tradução, apresentação, interpretação e preservação do mesmo cancioneiro. O interesse pelo cancioneiro deve-se ao

⁴⁷ Pub. in *Jews in India*, ed. por Thomas A. TIMBERG, pp. 161-176.

⁴⁸ *Idem*, p. 172.

⁴⁹ In *Studies of Indian Jewish Identity*, ed. por Nathan KATZ, pp. 53-82.

⁵⁰ Publicado em Filadélfia e Jerusalém, por The Jewish Publication Society.

⁵¹ Publicado em Cochim, pela Pangal Press.

trabalho de ambas as autoras sobre as origens dos judeus na Índia. Barbara Johnson necessitava de informações contidas nessas fontes para compulsar dados acerca da origem dos judeus do Kerala; e Shirley Berry Isenberg pretendia também averiguar se havia nessas canções mais informações sobre as origens dos judeus da Índia, visto que tivera acesso a uma narrativa – o *Maggig Hadashot* (o «Narrador das Novidades») – que fabricava momentos de história comum entre duas comunidades distantes no espaço – os judeus do Kerala e os Bene Israel do Concão ⁵². Foi então que contactaram P. M. Jussay, professor aposentado de Literatura e antigo chefe do Department of Humanities no Calicut Regional Engineering College, University of Calicut – um amigo dos homens da Jew Town e um ótimo conhecedor das tradições dos judeus do Kerala – para que fosse empreendido um trabalho razoável de colecção e tradução. Foram assim recolhidos 22 livros dessas canções pertencentes a particulares – 14 dos quais por Shirley Berry Isenberg, 7 por Barbara Johnson e 1 por P. M. Jussay – num total de cerca de 800 canções. As réplicas dessas canções foram depositadas nos Phonoteque Archives, da Israel National and Hebrew University Library, em Jerusalém. A tradução e exploração comentada das mais significativas foram apresentadas por Barbara Johnson e por P. M. Jussay, numa série de artigos de finais da década de 80 e da década seguinte ⁵³, em que dão conhecimento das outras informações sobre a história dos judeus do Kerala («malabares» e «paradesis»). Trata-se de versões até aí desconhecidas ou preteridas, porque escritas e faladas em malaiala.

O resultado do empenho destes três autores teve repercussões fundamentais numa posição crítica sobre a informação detida e transmitida pelos judeus «brancos» ou «paradesis»: permitiu apresentar novas perspectivas acerca do complexo problema das origens e evolução social dos judeus do Kerala; esclarecer sobre os motivos que levaram à estratificação social dentro da sociedade judaica; e dimensionar o complexo jogo de «fabricação» de uma identidade superior, por parte dos detentores da memória oficial. De salientar, contudo, que na sua produção, P. M. Jussay está mais interessado em utilizar as canções como documentos que permitem descodificar o passado preterido dos judeus «malabares» e reconstituir a vivência dos judeus cochinitas, em geral, nomeadamente em Cranganor ⁵⁴; ao passo que

⁵² Cf. a sua obra *India's Bene Israel: A Comprehensive Inquiry and Sourcebook*, Bombaim, Berkeley Judah L. Magnes Museum, 1988.

⁵³ Cf. os artigos de Johnson já citados, a sua tese de mestrado e a obra elaborada juntamente com Ruby Daniel.

⁵⁴ Cf. além dos estudos já citados *supra*, a nota imediatamente anterior, «Caste divisions among the Jews of Kerala», in *Proceedings of the Indian History Congress*, 52th session, pub. por K. M. SHRINALI, Nova Deli, Amrit Printing Works, section III, b) Socio-Economic and Cultural History, 1992, pp. 756-761; e «A Jewish Settlement in Medieval Kerala», in *Indian History Congress*, 57th session, Madras University, section III – Medieval India, b) Socio-Economic India, 1996.

Barbara Johnson – como se verifica por comunicações mais recentes – continuou com a sua pretensão antropológica de exploração temática do cancioneiro apurado, assim como de vincar o excepcional papel da mulher culta cochinita como receptora e divulgadora desse material, através dos seus livros de canções ⁵⁵.

Ainda no domínio das canções – mas desta vez litúrgicas – são indispensáveis os estudos de Johanna Spector ⁵⁶ e de Israel Ross ⁵⁷.

Relativamente à questão patrimonial devem consultar-se alguns estudos de P. M. Jussay, nomeadamente no que respeita ao cerimonial de casamento ⁵⁸.

Ainda no que respeita aos costumes de casamento, Mishael Maswari Caspi publicou, em 1981, o seu artigo «Wedding Customs of The Jews of Cochin according to the Book of Poems and the Songs of Praise» ⁵⁹. Mas também não podem ser olvidados os poucos estudos específicos sobre o património construído: o de Naphtali Bar-Giora, de 1958, designado «A Note on the History of the Synagogues in Cochin» ⁶⁰; o de Iris Fishof, de 1995, especificamente sobre o processo de desmantelamento, transporte e reconstrução (em Jerusalém) da sinagoga Kadavumbagham de Mattancherry (Cochim), e designado «Moving the Cochin Synagogue from India to the Israel Museum: A Curator's Perspective» ⁶¹; e, embora também centrado nessa sinagoga, o ensaio sobre a evolução da edificação das sinagogas em Cochim e Ernakulam, da autoria de José Alberto Rodrigues da Silva Tavim, intitulado «Uma presença portuguesa em torno da «sinagoga nova» de Cochim», de 1997 ⁶². Ainda neste domínio do património, embora se trate do Catálogo que acom-

⁵⁵ Cf. «“They Carry Their Notebooks with Them”: Women's Vernacular Jewish Songs from Cochin, South India», tradução hebraica em *Pe'amim: Studies in Oriental Jewry*, n.º 82, Primavera de 2000, pp. 64-80. Agradeço encarecidamente à professora Barbara Cottle Johnson a transmissão pessoal desta versão inglesa do seu estudo.

⁵⁶ Vide o seu estudo referido *supra*, nota 14, e ainda «The Jewish Songs from Cochin, India, with special reference to cantillation and Shingli tunes», in *Proceedings of the Fifth World Conference of Jewish Studies*, Jerusalém, vol. iv, 1969, pp. 245-265; *idem*, «Shingli Tunes of the Cochin Jews», in *Asian Music*, vol. 3, n.º 2, 1972, pp. 23-28; e «Yemenite and Babylonian Elements in the Musical Heritage of the Jews of Cochin, India», in *Journal of the American Society for Jewish Music*, vol. 7, n.º 1, 5745/1985, pp. 1-22.

⁵⁷ Cf. *Cultural Stability and Change in a Minority Group: A Study of Liturgical and Folk Songs of the Jews of Cochin*, PhD. dissertation, Nova Iorque, Jewish Theological Seminary, 1977; e ainda «Cross-Cultural Dynamics in Musical Tradition: The Music of the Jews of Cochin», in *Musica Judaica*, vol. 2, n.º 1, 5738/1977-1978, pp. 55-72.

⁵⁸ Consulte-se, se possível, o seu estudo inédito *The Jews of India*.

⁵⁹ In *Jewish Tradition in the Diaspora: Studies in Memory of Professor Walter J. Fischel*, 1981, pp. 231-238.

⁶⁰ In *Sefunot*, vol. II, pp. 214-245 – texto em hebraico – e pp. 13-14 – síntese em inglês.

⁶¹ In *The Israel Museum Journal*, vol. XIII, pp. 19-28.

⁶² Pub. in *Oceanos. Diáspora e Expansão. Os Judeus e os Descobrimentos Portugueses*, n.º 29, Janeiro/Março, pp. 108-117. Versão francesa com o título «Une présence portugaise autour de la “nouvelle synagogue” de Cochin» (sem iconografia), in *Les juifs portugais. Exil, héritage, perspective, 1496-1996*, ed. de Aldina da SILVA, André MYRE e Tereza PINTO, Montreal, Médiaspul, pp. 67-81.

panhava a exposição, *The Jews of India. A Story of Three Communities*, em exibição no Israel Museum, de Jerusalém, em 1995, leia-se aí a excelente síntese de Barbara C. Johnson, intitulada «The Cochin Jews of Kerala»⁶³, e as entradas específicas da editora Orpa Slapak, no que respeita ao grupo cochinita, quer sobre costumes e cerimónias, quer sobre as áreas da cultura mais material, como as sinagogas e os objectos cerimoniais, os objectos rituais em casa, o vestuário, as «kettuboth» (contratos de casamento), etc. – todos eles ilustrados por uma recolha iconográfica empolgante.

A par de autores como Johnson e Jussay surgiu, ao longo da década de 90, o empenho multifacetado do casal Nathan Katz – professor de «Religious Studies» na Florida International University, em Miami – e Ellen S. Goldberg, jornalista do Jewish Press of Tampa. Nathan Katz possui extensa bibliografia sobre os judeus do Oriente, especialmente da Birmânia, mas foi sobretudo o carácter peculiar da história e dos rituais dos judeus cochinitas a «matéria oriental» que mais lhe interessou, com quatro escritos específicos sobre o assunto e um de comparação com a comunidade extinta de Kaifeng, na China⁶⁴. Nathan Katz é também o autor de uma das mais extensas e exaustivas bibliografias sobre os judeus de Cochim e da Índia, em geral: «An Annotated Bibliography about the Indian Jewry», publicado no *Kol Bina*, n.º 1, em Junho de 1995⁶⁵.

Foram certamente os seus estudos sobre o Budismo que o levaram a interessar-se pelo carácter ascético, mas sobretudo «indiano», da vivência dos judeus «paradesis» de Cochim. Ninguém foi mais longe que Nathan Katz nessa procura de uma «especificidade indiana» do viver dos judeus cochinitas, no estudo do contexto da sua vivência ao longo dos séculos, mormente das influências da sociedade hindu circundante. Foi sobretudo no seu livro *The Last Jews of Cochin: Jewish Identity in Hindu India*, de 1993, que Katz, juntamente com sua esposa Ellen, enveredou pela compilação de uma vasta gama de notícias sobre a história e os rituais dos judeus cochinitas, reunindo na segunda parte do mesmo informações provenientes das suas observações «in loco», e outras oriundas da referida compilação e de mais bibliografia. Nathan Katz teve também o mérito de reunir esforços para juntar especialistas da área, de origem e idades diferentes, na sua colectânea *Studies of Indian Jewish Identity*, de 1995.

⁶³ Pp. 27-35.

⁶⁴ Cf. Nathan KATZ, «The Judaism of Kaifeng and Cochin: parallel and divergent styles of religious acculturation», in *Numen*, vol. 42, 1995, pp. 118-140; e, juntamente com Ellen S. GOLDBERG, «Passover in Cochin», in *Southeast Council Association for Asian Studies*, Annals 10, 1989, pp. 93-113; «The Ritual Enactments of the Cochin Jews: The Powers of Purity and Nobility», in *Journal of Ritual Studies*, vol. 4, n.º 2, 1990, pp. 199-238; «The Sephardi Diaspora in Cochin, India», in *Jewish Political Studies Review*, vol. v, n.ºs 3-4, 1993, pp. 97-140; e «The Ritual Enactments of Indian-Jewish Identity of the Cochin Jews», in *Studies of Indian Jewish Identity*, ed. por Nathan KATZ, 1995, pp. 15-51.

⁶⁵ Pp. 6-33.

Entre esses especialistas destaque-se Margareth Abraham, professora de Sociologia na Hofstra University, em Hempstead, Estado de Nova Iorque, que estudou os fenómenos de desintegração e de marginalização dos grupos judaicos indianos, em conjunturas actuais. Em 1989, Margareth Abraham defendeu a sua tese de doutoramento em Sociologia, na Graduate School da Syracuse University, no Estado de Nova Iorque, intitulada *Ethnic Identity and Marginality: A Study of the Jews of India*. Interessa-nos sobretudo no seu estudo a análise das componentes económica e social em torno dos grupos de judeus: a explicação para o fenómeno da marginalização dos judeus «brancos» de Cochim porque, tal como os «nambudiris» («jati» superior dos brâmanes) e os naires, ou seja, as castas privilegiadas, foram incapazes de se ajustarem económica e politicamente no período final da governação britânica e no post-colonial; e as suas considerações que os judeus («paradesis») acreditam que nunca foram considerados uma casta mas um grupo religioso que usufrui de privilégios atribuídos às castas altas. Como escreve a autora:

«Não obstante estas diferenças [entre «paradesis», «malabares» e «meshush-rarim»], estes três grupos retêm de comum a designação de judeus, e baseados neste critério sustentam os seus limites face à maior parte da população.»⁶⁶

Estes temas foram depois sistematizados em artigos posteriores: «Ethnic Identity and Marginality Among Indian Jews in Contemporary India», de 1991⁶⁷; «The Normative and the Factual: An Analysis of Emigration Factors among the Jews of India», do mesmo ano⁶⁸; e «Marginality and Community Identity Desintegration among the Jews of India», de 1995⁶⁹.

Para um conhecimento da preservação da especificidade cochinita em Israel é também essencial a leitura da tese de doutoramento de Stuart B. Moskovitz, intitulada *The Cochini transformed: emerging ethnic identity among South Indian Jews in Israel*, apresentada em 1986, na School of Arts and Sciences da Catholic University of America, em Washington D.C.

Fundamental para conhecer os diferentes padrões culturais e de memória histórica mantidos pelos judeus «paradesis» e «malabares» em Israel, e os motivos dessa diferenciação, são os estudos de Marcia Soshana Walerstein. Fruto de um exaustivo trabalho de pesquisa *in loco*, sobre as tradições perpetuadas por estes judeus em Israel, e das investigações empíricas enveredadas por outros antropólogos já mencionados, é a sua tese de doutoramento em Folclore e Estudos Judaicos, apresentada na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, e intitulada *Public Rituals Among the Jews from Cochim, India, in Israel: Expressions of Ethnic Identity*, em 1987, e ainda

⁶⁶ Cit., pp. 83-84 (tradução do inglês da minha autoria).

⁶⁷ In *Ethnic Groups*, vol. 9, n.º 1, pp. 35-60.

⁶⁸ In *Jewish Journal of Sociology*, vol. XXXIII, n.º 1, pp. 5-19.

⁶⁹ Pub. in *Studies of Indian Jewish Identity*, ed. por Nathan KATZ, pp. 175-199.

o artigo «The Cochin Jewish Wedding of the Malabar Community in India and Israel. Change in Custom, Symbol and Meaning», de 1982 ⁷⁰.

Embora o seu maior interesse sejam os Bene Israel, a antropóloga Shalva Weil, professora na School of Education da Hebrew University, de Jerusalém, publicou em 1968 um interessante e bem documentado artigo sobre as similitudes sócio-culturais entre os judeus de Cochim e os cristãos de Tomás Cana ou Sulistas (Tekkumbaghram), designado «Symmetry between Christians and Jews in India. The Cnanite Christians and the Cochin Jews of Kerala» ⁷¹. Shalva Weil editou ainda *MiCochin. From Cochin to the Land of Israel*, na cidade de Jerusalém, em 1984 (em hebraico) ⁷².

Arthur M. Lesley escreveria também para o *Journal of Indo-Judaic Studies*, vol. 3, Abril de 2000, o artigo «Shingly in Cochin Jewish Memory and in Eyewitness Accounts» ⁷³.

Devemos destacar ainda os estudos de alguns autores que, embora não sejam especialistas do assunto, apresentam reflexões e informações – algumas fruto da sua visita *in loco* – de interesse assinalável.

Um desses autores é Ludwik Sternbach, que já no «longínquo» ano de 1945 escreveu o artigo «Jews in Medieval India as mentioned by Western Travellers» ⁷⁴. Neste estudo, Sternbach, baseado num impressionante número de documentos, tentou chegar a conclusões sobre os locais efectivamente habitados pelos judeus na Índia durante o período medieval, nomeadamente no que respeita ao Malabar. Outros autores a destacar são H. H. Smythe e T. Gershony, que em 1956-1957 escreveram para a revista *Sociology and Social Research* um artigo intitulado «Jewish Casts of Cochin, India» ⁷⁵ – ele próprio um documento exemplificativo de um período em que os sociólogos usavam sem problemas a designação casta para caracterizar a estratificação dos judeus cochinitas. Ainda no domínio do estudo dos judeus de Cochim, como incluídos na sociedade de castas, deve ler-se o artigo de Robert S. Newman, «Caste and the Indian Jews», de 1975, mais rico em informações comprovantes e possuindo dois interessantes e elucidativos esquemas em apêndice ⁷⁶.

Após a incursão de Pedro d'Azevedo, em 1910 ⁷⁷, Charles Boxer foi dos primeiros, em tempos mais próximos – 1956 – a divulgar o caso do cronista

⁷⁰ Pub. in *The Sepharadi and Oriental Jewish Heritage: Studies*, ed. por Issachar BEN-AMI, Jerusalém, The Magnes Press – The Hebrew University, pp. 529-550; e reed. in *Jews in India*, ed. por Thomas A. TIMBERG, 1986, pp. 248-270.

⁷¹ Pub. in *Jews in India*, ed. por Thomas A. TIMBERG, 1986, pp. 177-204.

⁷² Editado por Kumu BERINA.

⁷³ Pp. 7-21.

⁷⁴ Pub. in *The Proceedings of the Indian History Congress*, 9.^a secção, Allahabad, The General Secretary, Indian History Congress, 1945, pp. 169-196.

⁷⁵ Vol. 41, pp. 108-111.

⁷⁶ Pub. in *The Eastern Anthropologist*, vol. 28, n.º 3, Julho-Setembro, pp. 195-213.

⁷⁷ Em «O Bocarro Francês e os judeus de Cochim e de Hamburgo», in *Archivo Historico Portuguez*, vol. VIII, fasc. 1, Janeiro, pp. 15-20, e fasc. 2, Fevereiro, pp. 185-197.

português António Bocarro, que tentou integrar-se na comunidade dos judeus de Cochim, em 1622 ⁷⁸.

Um apaixonado pelo Islão Medieval Indiano – André Wink ⁷⁹, do Institut Kern, Universidade de Leiden – também não deixou de tecer hipóteses sobre a origem dos judeus que operavam no Malabar no período medieval, no seu artigo de 1987, «The Jewish diaspora in India: eighth to thirteenth centuries» ⁸⁰.

Entre as impressões de viagem, em termos recentes, que revelam dados fundamentais sobre a comunidade destaquem-se, além dos primeiros artigos de David Mandelbaum, a obra indispensável do rabi sul-africano Louis Rabinowitz, *The Far East Mission*, impressa em Joanesburgo, no ano de 1952 ⁸¹, contendo informações fundamentais sobre as relações dentro da comunidade e com outras comunidades; e o testemunho de Aaron Greenbaum, designado «The Cochin Jewish Community: Impressions from a Mission to India, 1966», e publicado quatro anos mais tarde ⁸², com observações e precisões preciosas, como uma leitura mais realística da data em hebraico da reconstrução da sinagoga de Parur (1568 e não 1616) ⁸³.

No campo historiográfico, os portugueses Ana Cannas da Cunha e José Alberto Rodrigues da Silva Tavim, baseados em documentação arquivística, publicada e inédita – neste último caso, mormente em processos da Inquisição de Lisboa –, elaboraram vários estudos que revelam aspectos inéditos da presença dos judeus e cristãos-novos de Cochim (área hindu e cidade portuguesa), no século XVI e até meados do século seguinte.

Ana Cannas da Cunha foi a primeira nesta área, no sentido de uma investigação sólida e criteriosa. Embora a sua tese de mestrado incidisse sobre uma perspectiva mais global, no contexto de uma matriz de estudos diferente – *A Inquisição no Estado da Índia. Origens (1539-1560)* ⁸⁴ –, Ana Cannas da Cunha não deixou de traçar um amplo quadro da vida social, económica e religiosa dos cristãos-novos e judeus de Cochim, considerados réus – os

⁷⁸ Cf. «António Bocarro and the “Livro do Estado da Índia Oriental” – a bibliographical note», in *Garcia da Orta*, n.º especial, pp. 213-218. Reeditado in *Portuguese Conquest in Southern Asia, 1500-1750*, Londres, Variorum Reprints, 1985, n.º x.

⁷⁹ Leia-se o clássico *Al-Hind: The Making of the Indo-Islamic World*, vol. I – *Early Medieval India and the Expansion of Islam, 7th-11th Centuries* – Deli, Oxford University Press, 1994.

⁸⁰ Pub. in *The Indian Economic and Social History Review*, vol. XXIV, n.º 4, pp. 349-366.

⁸¹ Editada pela Eagle Press Limited.

⁸² In *Midrashia. A Journal Devoted to Halacha, Jewish Thought & Education*, Primavera de 1970, pp. 82-94.

⁸³ Sobre a maior veracidade da leitura de Greenbaum, pois tem concordância com a informação portuguesa contemporânea que alude à destruição daquela sinagoga, naquele período, vide José Alberto Rodrigues da Silva TAVIM, *Judeus e cristãos-novos de Cochim. História e Memória (1500-1662)*, dissertação de doutoramento em Estudos Portugueses, apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2001, pp. 392-394.

⁸⁴ Tese defendida na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, no âmbito do mestrado em História Moderna de Portugal, foi editada em Lisboa, pelos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo – Divisão de Publicações, em 1995, com prefácio de Jorge Borges de Macedo.

primeiros – e coniventes – os segundos – no contexto da política religiosa que levou à introdução do tribunal do Santo Ofício no Estado da Índia. O estudo apresenta ainda um Apêndice Documental com informação de alto teor informativo, mormente sobre o comportamento religioso de ambos os grupos.

Esta investigação seria retomada e alargada como objecto de estudo, em 1994, por José Alberto Rodrigues da Silva Tavim. Data precisamente desse ano o seu artigo inaugural nesta área, intitulado «Os judeus e a Expansão Portuguesa na Índia durante o século XVI. O exemplo de Isaac do Cairo: espião, «língua» e «judeu de Cochim de Cima»»⁸⁵. Trata-se, como indica o título, de uma biografia contextualizada de uma das mais importantes personalidades da comunidade dos judeus sefarditas da Cochim hindu, de meados do século XVI, e que possui uma «longa folha de serviços» em prol do Estado Português da Índia, devido às viagens informativas que realizou pelo Médio Oriente, até Lisboa. O estudo vem acompanhado de um Apêndice Documental, que revela aspectos inéditos da vivência religiosa entre os judeus e os cristãos-novos de Cochim. No ano seguinte empreenderia uma investigação similar, mas desta vez incidindo sobre uma personalidade grada do grupo dos cristãos-novos da cidade portuguesa de Santa Cruz de Cochim – Jácome de Olivares –, no seu artigo «From Setúbal to the Sublime Porte: The Wanderings of Jácome de Olivares, New Christian and Merchant of Cochim (1540-1571)»⁸⁶. Como foi referido acima⁸⁷, em 1997 publicou um estudo ilustrado sobre a evolução da construção das sinagogas em Cochim, no qual, baseado em documentação inédita, demonstrou que a «sinagoga nova» referida nos processos inquisitoriais é aquela posteriormente designada «Kadavumbagham» («da Margem»), e ocupada pelos judeus «malabares». No ano seguinte empreendeu um estudo de síntese sobre as estreitas relações entre judeus e cristãos-novos de Cochim, mesmo ao nível do «tecer» de redes comerciais privadas no contexto do Império Português, no artigo «Outras gentes em outras rotas: judeus e cristãos-novos de Cochim – entre Santa Cruz de Cochim e Mattancherry, entre o Império Português e o Médio Oriente»⁸⁸. Em 1999 seria publicado o seu artigo «Judeus de Cochim: os primeiros contactos»⁸⁹, no qual, baseado em documentação inédita do Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, dos anos 1516-1517 e

⁸⁵ Pub. in *Arquivos do Centro Cultural Calouste Gulbenkian*, vol. XXXIII, pp. 137-260.

⁸⁶ Pub. in *Santa Barbara Portuguese Studies* – vol. II – *Special Issue. The Portuguese and the Pacific II* – ed. de Sanjay SUBRAHMANYAM e Kenneth MCPHERSON, pp. 94-134. Reedição com a mesma paginação, em 1998, na obra colectiva *Sinners and Saints. The Successors of Vasco da Gama*, edição de Sanjay SUBRAHMANYAM, Deli, Oxford University Press.

⁸⁷ Vide *supra*, nota 62.

⁸⁸ In *A Carreira da Índia e As Rotas dos Estreitos: Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, ed. dirigida por Artur Teodoro de MATOS e Luís Filipe F. Reis THOMAZ, Angra do Heroísmo, pp. 309-342.

⁸⁹ Pub. in *Vasco da Gama e a Índia. Conferência Internacional*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, vol. II – *História Social e Económica* – pp. 155-163.

1530-1531, revelou que nesta primeira metade do século XVI houve um ciclo de cordialidade nas relações entre judeus e portugueses de Santa Cruz, funcionando aqueles como um dos grupos que abasteciam estes de artigos necessários para a sua estadia e navegação. Ainda neste ano publicaria outra síntese sobre as relações entre cristãos-novos e judeus, na qual está já patente a interrogação sobre o motivo que levou a que fosse mantido na sombra – em termos de Memória Histórica local (e científica) – o período em que portugueses e judeus mantinham contactos profícuos no plano social e, sobretudo, das actividades económicas. Trata-se do seu estudo designado «Uma comunidade na «sombra»: judeus sefarditas de Cochim na primeira metade do século XVI»⁹⁰. A resposta a esta questão seria o objectivo fundamental da sua tese de doutoramento em Estudos Portugueses, apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, e por isso intitulada *Judeus e cristãos-novos de Cochim. História e Memória (1500-1662)*⁹¹. Baseado em documentação publicada e inédita, apurada em arquivos portugueses, indianos, franceses e ingleses, e ainda em outras fontes, nomeadamente depoimentos orais publicados e no cancioneiro judaico em malaiala, o autor procedeu à montagem de um discurso que tenta explicar a complexa evolução da comunidade judaica de Cochim de Baixo e dos cristãos-novos de Santa Cruz, no período em causa, numa perspectiva sócio-económica e cultural-religiosa. Simultaneamente, ao analisar de forma contextualizada as divergências e alterações no discurso mais ou menos mítico, ou mais ou menos científico, que revelam uma memória oficial sobre a comunidade e o seu passado, assim como as suas modificações, o autor tece hipóteses sobre o esquecimento do período do passado judaico em Cochim, que corresponde aos tempos em que os judeus entravam na cidade portuguesa e mantinham relações profícuas com os cristãos-novos e outros portugueses que ali habitavam. Todo um discurso posterior e mais recente, relacionado com a independência da Índia e com a consagração política do conceito (de um conceito) de tolerância – entre outros factores – teria cristalizado ainda mais a memória que o passado português era o equivalente à mácula da intolerância, sendo os portugueses considerados os colonizadores que mais perseguiram os judeus. E, assim, a sombra sobre o período português, teria levado muitos interessados – mesmo investigadores – a aceitarem tacitamente ou de forma desinteressada o nível informativo transmitido em termos de preservação de uma identidade superior por parte dos detentores da «Memória Oficial» – os judeus «paradesis» de Cochim.

⁹⁰ In *Comunicações apresentadas no I Colóquio Internacional O Património Judaico Português*, coordenação de Maria Helena C. dos SANTOS *et al.*, Lisboa, Associação Portuguesa de Estudos Judaicos, pp. 133-158.

⁹¹ Vide indicação completa *supra*, nota 83.

*

Há notícias concretas sobre estudos em marcha acerca dos judeus cochinitas.

Bindu Malieckal, professor do Departamento de Inglês do Saint Anselm College, em Manchester, publicará em breve o seu artigo para o *Upstart Crow: A Shakespeare's Journal*, intitulado «Shakespeare's Shylock, Rushdie's Abraham Zogoiby, and the Jewish Pepper Merchants of Precolonial India». Numa tentativa de contextualização e interpretação da construção de Rushdie sobre a «indianidade», e da sua clarificação e actualização do pensamento de Shakespeare acerca da descrença religiosa (no «Mercador de Veneza»), Bindu não deixou de enveredar por certa investigação documental em Cochim, com o objectivo fundamental de demonstrar que aquele e outros dramaturgos ingleses construíram o carácter das suas personalidades judaicas baseados na leitura dos relatos de certos viajantes que se deslocaram à Índia. Bindu Malieckal informou ainda que está a redigir um livro sobre os judeus da Índia e o Drama Renascentista Inglês ⁹².

Jonathan Schorsch, professor do Departamento de História da Emory University, em Atlanta, Geórgia, publicará na sua obra *Jews and Blacks in the Early Modern World: a Cultural History*, a ser editada em 2003, em Nova Iorque, pela Cambridge University Press, no capítulo 9, um desenvolvimento intitulado «Sephardic Whiteness in Jewish Cochim». Numa obra que trata em geral sobre a identidade religiosa e social dos judeus, cristãos-novos, africanos e seus descendentes (especialmente no «Mundo Atlântico»), na Idade Moderna, o autor não deixa de realizar uma «arqueologia» da terminologia discriminatória relativa aos judeus de Cochim. De salientar a sua análise muito detalhada e documentada, mesmo no que respeita aos membros da comitiva que visitaram Cochim em 1686, mormente uma tentativa de biografia de Mosseh Pereyra de Paiva ⁹³, autor do famoso opúsculo *Notisias dos Judeos de Cochim, mandadas por Mosseh Pereyra de Paiva*, publicado em Amesterdão, no ano seguinte ⁹⁴.

O etnomusicólogo israelita Edwin Seroussi, professor da Universidade Bar-Ilan e director do Jewish Music Research Centre at the Hebrew University, e seus alunos, gravaram depoimentos das mulheres cochinitas mais

⁹² Informações gentilmente cedidas pelo autor, a quem muito agradeço a disponibilidade, inclusivamente no envio da Introdução do seu artigo.

⁹³ Agradeço encarecidamente ao professor Jonathan Schorsch o envio destes elementos, mesmo antes de o seu livro ter sido publicado.

⁹⁴ Foi estampada originalmente em Casa de Ury Levy. Há uma edição fac-similada com introdução de Moses Bensabat Amzalak, Lisboa, Oficinas do Museu Comercial, 1923. O texto foi traduzido para o inglês pelo padre F. Figueiredo, Vigário Geral da Diocese de Cochim, e publicado por S. S. KODER, na «Saga of the Jews of Cochim», in *The Cochim Synagogue 400th Anniversary*, Ernakulam, Thilakam Press, pp. 29-52; e in *Jews in India*, ed. de Thomas A. TIMBERG, 1986, pp. 122-134.

idosas do Moshav Nevatim, assim como dos momentos em que elas entoavam populares para-litúrgicos «piyyutim» (juntamente com os homens), e outras canções, em malaiala. As cassetes destas sessões encontram-se nos National Sound Archives, em Jerusalém. Uma súmula dos resultados desta investigação foi publicada em hebraico, em 2000, no artigo «The Singing of the Sephardi Piyyut in Cochin (India)»⁹⁵.

Barbara Johnson continua no seu meticuloso projecto de recolha, publicação traduzida (para o inglês) e elucidação contextualizada do cancionário judaico em malaiala, a vários níveis – sobretudo histórico, sociológico e antropológico – cruzando-o com outro dos seus interesses – o estudo de género, visto que as personagens centrais da preservação e *performance* são, de facto, mulheres. Assim, submeteu para publicação no *Journal of Indo-Judaic Studies* o seu artigo ««Till the Women Finish Singing»: Historical Overview of Cochin Jewish Women's Malayalam Songs», em memória de Shirley Berry Isenberg, baseado em material coligido e traduzido por esta última investigadora, por si própria e por Ruby Daniel, em Israel, e ainda por P. M. Jussay e Scaria Zacharia, no Kerala. Neste artigo, Barbara Johnson debruça-se sobre a linguagem e data das canções, acerca dos livros tradicionais que as contêm (e que estão na posse das mulheres), e sobre os seus géneros – canções de casamento, históricas, bíblicas e de devoção, traduzindo para o inglês, a título de exemplo, algumas delas. Tece ainda considerações sobre a sua execução, publicação e tradução. Sabemos também que apresentou uma interessante comunicação oral na Northeast Association for Asian Studies – Conference Williams College, Williamstown, Massachusetts, em 14 de Outubro de 2001, intitulada «A Sense of Place: Some Elements of Kerala Culture in the Malayalam Songs of Cochin Jewish Women», em que mais uma vez, interessada no cancionário em malaiala, interpretado pelas judias cochinitas, dá notícias contextualizadas de extractos dessa recolha. Um dos mais interessantes respeita ao ataque de portugueses à sinagoga de Parur. Outra informação preciosa é transmitida no item «Kerala Groups represented in the Songs»: numa canção de casamento, há menção aos famosos Marikkars⁹⁶, como aqueles que encabeçavam a procissão do casamento, ou como aqueles que chegaram primeiro e a observavam – o que em termos de clarificação simbólica remete para níveis fundamentais de interpretação da documentação arquivística, ou seja, esclarece quem eram

⁹⁵ In *Piyyut in Tradition*, n.º 2, Hazan e Benjamin BAR-TIKVA, Ramat-Gan, Bar-Ilan University Press, pp. 231-248.

⁹⁶ Sobre os muçulmanos Marikkars, que lideraram a oposição aos Portugueses, nomeadamente nos anos 30 e 40 do século XVI, vide O. K. NAMBIAR, *The Kunjalis: Admirals of Calicut*, Londres, Asian Publishing House, 1963; Stephen Frederic DALE, *Islamic Society on the Southern Asian Frontier. The Mappilas of Malabar, 1498-1922*, Oxford, Clarendon Press, 1980; Sanjay SUBRAHMANYAM, *O Império Asiático Português, 1500-1700. Uma História Política e Económica*, Lisboa, Difel, 1996; e Jorge FLORES, *Os Portugueses e o Mar de Ceilão. Trato, Diplomacia e Guerra (1498- 1545)*, Lisboa, Cosmos, 1998.

os muçulmanos coniventes com os judeus «paradesis», no século XVI ⁹⁷. Juntamente com Orna Eliyahu-Oron pretende redigir um artigo em que analisa informação acerca da arquitectura sinanogal do Kerala, a partir do cancionero judaico em malaiala ⁹⁸. A autora informou ainda que, no início de Julho do presente ano de 2002, apresentaria em Oxford uma comunicação sobre os recentes desenvolvimentos no estudo dos judeus de Cochim. Trata-se da sua participação na International Research Conference, «A View from the Margin: the State of the Art of Indo-Judaic Studies», que decorreu no Oxford Centre for Hebrew and Jewish Studies, com a comunicação «New Research Discoveries and Paradigms: A Report on the Current Study of Kerala Jews» ⁹⁹. Neste encontro participaram também Scaria Zacharia, com a comunicação «Possibilities of Understanding Jewish Malayalam Songs», e Nathan Katz, que aliás foi um dos coordenadores do evento, com o estudo «The State of the Art of Hindu-Jewish Dialogue».

A equipa de investigação sobre o cancionero judaico, em malaiala, é agora também constituída por Edwin Seroussi (já acima mencionado); pelo professor Albrecht Frens, de Estugarda, presidente da Hermann Gundert Society; pelo professor Scaria Zacharia (também já acima referido), director do departamento de Malaiala na Sri Sankaracharya University of Sanskrit, em Kaladi, no Kerala; e por Martine Chemana, da École Pratique des Hautes Études (equipa «Textos e contextos: Índia Medieval e Moderna») e do Centre National de la Recherche Scientifique («Laboratórios Línguas-Músicas-Sociedades»).

Scaria Zacharia, que se tem dedicado à tradução cuidada destes textos, e ao seu estudo linguístico, assim como à sua inclusão no contexto da literatura folclórica do Kerala ¹⁰⁰, já havia apresentado uma comunicação no Sixth International Congress of Misgav Yerushalayam, na Hebrew University, em Jerusalém, em Junho de 2000, intitulada «Is there a Jewish Malayalam?» ¹⁰¹. Quanto a Albrecht Frenz, acabou de publicar, em alemão, juntamente com Zacharia, uma colectânea de canções judaicas do Kerala, ilus-

⁹⁷ Penso apresentar uma comunicação em que elucidarei mais amiúde sobre esta problemática no «XI Internacional Seminar on Indo-Portuguese History», a realizar em Pangim, entre 22 e 26 de Setembro de 2003, intitulada «Estudos indubitavelmente indianos e judaicos... e portugueses? O caso das obras sobre os judeus de Cochim».

⁹⁸ Cf. «“Till the Woman Finishing Singing”: Historical Overview of Cochin Jewish Women’s Malayalam Songs», submetido para *The Journal of Indo-Judaic Studies*, Setembro de 2002 (n.º 4, Abril de 2001), p. 3, nota viii.

⁹⁹ Cf. www.fiu.edu/religion/faculty/IJConference.htm

¹⁰⁰ O professor Zacharia é o autor e editor de mais de 25 estudos sobre a Língua e a Literatura Malaiala – cf. Barbara C. JOHNSON, «“They Carry Their Notebooks with Them”: Women’s Vernacular Jewish Songs from Cochin, South India» [texto em inglês cedido pela autora], p. 13 (inclusivamente a nota 27).

¹⁰¹ Cf. Barbara C. JOHNSON, «“Till the Women Finish Singing”: Historical Overview of Cochin Jewish Women’s Malayalam Songs», submetido para o *Journal of Indo-Judaic Studies*, Setembro de 2000, p. 2, nota vi.

trada por Rainer Schoder – *In meinem Land leben verschiedene Volker, Baustein zu einem Dialog der Kulturen und Religionen: Texte alter jüdischer Lieder aus Kerala, Südindien*, Ostfildern, 2002 ¹⁰².

Quanto a Martine Chemana, que realizou trabalho de campo em Israel, entre as mulheres que detêm os livros das canções e as entoam, interessa-se nomeadamente pelo aspecto textual dos mesmos (com tradução em curso) e sobre o aspecto da sua apresentação, modos musicais, danças que os acompanham, ocasiões de execução desses cantos, etc.

O resultado do trabalho de equipa será a produção de um «Compact Disc» e de uma obra que resultarão na edição crítica, em malaiala, de um certo número de canções, assim como da sua tradução em hebraico e inglês ¹⁰³. Como verificámos acima, Albrecht Frenz e Scaria Zacharia já procederam à edição contextualizada de uma parte delas, em alemão.

Mais eventos se anunciam sobre o rico – e em certa medida imprevisível – material colectado a partir do cancioneiro judaico. Assim, a TAPASAM – Association for Comparative Studies – anuncia para a sua conferência anual de 2002 (8 a 12 de Novembro), em Kochi/Kaladi, a realização de uma sessão designada «Inter disciplinaryity of Folkloristics and Contextualising Jewish Malayalam Folklore», abrangendo os domínios do Folclore, da História e da Literatura. Simultaneamente anuncia-se que a organização, em colaboração com o Institut Ben-Zvi de Jerusalém, com a Hebrew University, da mesma cidade, e com a DC Books de Kottayam, propõe-se a publicar uma antologia de 50 «Malayalam Folk Songs», com estudos críticos, notas e traduções das mesmas. O anúncio da conferência tem um remate em que se convida os interessados naquelas canções a participarem no programa com comunicações no domínio da História, Antropologia, Linguística, Teoria Literária, Estudos de Tradução, Etnomusicologia, Artes da Representação, Estudos de Malaiala, Estudos sobre as Mulheres, Estudos Judaicos e Hindulogia. O objectivo fundamental é então rever o ponto da situação sobre a matéria e promover a interdisciplinaridade a aproximação integrante nos Estudos Folclóricos do Kerala ¹⁰⁴. De forma similar, a Hermann Gundert Society, de Estugarda, apresenta entre os seus futuros eventos, para o ano de 2004, a participação na Conferência sobre «World Culture; through the example of the Cochin Jewish Malayalam Jewish Malayalam Songs» ¹⁰⁵.

O material disponível – e em disponibilidade – do cancioneiro judaico, em malaiala, é uma fonte de informações de tal forma rica sobre o passado

¹⁰² Cf. www.hermann-gundert-gesellschaft.de, p. 2.

¹⁰³ Agradeço encarecidamente à colega e amiga Martine Chemana estas informações sobre o seu labor e acerca do trabalho de equipa a que pertence.

¹⁰⁴ Cf. www.tapasam.com.

¹⁰⁵ Cf. www.hermann-gundert-gesellschaft.de.

Por indisponibilidade de participação na reunião de Kaladi, pretendo apresentar uma contribuição nesta conferência de 2004, tendo já contactado o professor Albrecht Frenz com essa perspectiva.

judaico no Kerala – mas também sobre a sociedade circundante – que levou à congregação de esforços de autores de várias latitudes, e como temos verificado, a uma azáfama (diríamos, maratona) de empenhos científicos para, de uma forma interdisciplinar e contextualizada, extrair dele todo um conjunto de materiais, de uma forma concertada e cientificamente correcta.

Outras áreas devem ser abertas, nomeadamente o recurso às informações sobre a sociedade e a cultura sefarditas, que teriam influenciado deveras o património destes judeus (ou pelo menos de parte deles). O recurso aos especialistas das Línguas e das Literaturas Hispânicas parece-me também indispensável. Assim como o trabalho contextualizado de historiadores do Kerala, de Portugal, de Espanha, da Turquia, França, Reino Unido, Holanda... enfim, de todos aqueles países que detêm material informativo arquivístico sobre o antigo Malabar.

Foi – e está a ser – fundamental esta confluência de esforços para a compreensão das informações transmitidas nessa fonte antes pouco prezada, que são as canções das mulheres judias, em malaiala. Mas como vimos, o caminho do estudo sobre os judeus de Cochim bifurca-se como uma árvore de vários ramos. E embora a pretensão de «iluminar» não seja a mesma das obras autóctones, não há dúvida de que com este percurso epistemológico vão saindo das trevas tempos, espaços e personalidades até aí olvidados.